

## O RESENTIMENTO NACIONALISTA DO PROFETA JONAS FACE AO PRINCÍPIO DA JUSTIÇA RETRIBUTIVA

The nationalist resentment of the prophet Jonah regarding the principle  
of retributive justice

*José Brissos-Lino \**

**Resumo:**

O livro bíblico de Jonas, ao contrário da literatura profética da Tanakh, centra-se essencialmente na experiência pessoal do profeta veterotestamentário. Este artigo pretende reflectir sobre o ressentimento nacionalista que o terá animado, em especial na sua estupefacção perante a benevolência de Iavé para com os assírios, em tempos de uma forte cultura de justiça retributiva.

**Palavras-chave:** assírios, Iavé, Jonas, justiça retributiva, ressentimento nacionalista.

**Abstract:**

Jonah's biblical book, unlike Tanakh's prophetic literature, focuses primarily on the personal experience of the veteran testamentary prophet. This article aims to reflect on the nationalist resentment that motivated him, especially in his amazement regarding Jehovah's benevolence towards the Assyrians, in times of a strong culture of retributive justice.

**Keywords:** Assyrians, Jehovah, Jonah, retributive justice, nationalist resentment.

\* Director do Mestrado em Ciência das Religiões (Universidade Lusófona). Coordenador do *Instituto de Cristianismo Contemporâneo*. Investigador integrado no CLEPUL (Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa). [jose.lino@ulusofona.pt](mailto:jose.lino@ulusofona.pt)

A nossa reflexão vai no sentido de abordar a questão do ressentimento nacionalista a partir da curiosa saga de Jonas (Jonas, heb, *uma pomba*), o profeta hebreu veterotestamentário. Tendo em conta que estamos perante um relato com aproximadamente mil e setecentos anos<sup>1</sup>, com um enquadramento histórico absolutamente distinto do que hoje conhecemos, passados muitos séculos antes de se começar a consolidar o conceito político de separação entre estado e religião ou de separação de poderes. Todavia cremos que o estudo da temática permitirá a observação de alguns aspectos importantes que podem ser elucidativos em matéria de princípios e procedimentos que hão-de iluminar o nosso caminho nos dias de hoje.

### **Jonas, o profeta**

Ao contrário do que sucede com a maior parte dos livros proféticos da Tanakh,<sup>2</sup> tradicionalmente classificados como maiores ou menores, o livro de Jonas não se concentra em registar as profecias proferidas por ele. Pelo contrário, consagra sobretudo a sua experiência pessoal enquanto profeta incumbido duma missão específica por Iavé. Trata-se, portanto, dum relato das vivências pessoais ao longo da missão que inicialmente recusou e depois se viu obrigado a aceitar, a contragosto, e revela muito do seu estado de espírito ao longo desse processo complexo que inclui diversas questões emocionais, religiosas e até geopolíticas.

À excepção do livro veterotestamentário com o seu nome, não existem outros documentos históricos que nos possam fazer luz sobre a biografia do profeta israelita. Apesar disso conhecemos os textos do Novo Testamento – casos de Mateus (12:39-41; 16:4) e de Lucas (11:29-32) – que referem esta figura, quando o próprio Jesus Cristo invoca a sua memória.

As referências dos evangelistas à história do profeta Jonas, pela boca de Jesus, é muito significativa, pois sugerem a ideia de que os relatos descritos no

---

<sup>1</sup> Julga-se que o profeta Jonas terá vivido durante o reinado de Jeroboão II (782 a.C.-753 a.C).

<sup>2</sup> Bíblia hebraica.

livro de Jonas constituem um conjunto de factos históricos e literais, e não apenas uma fábula com propósitos nacionalistas, como alguns comentaristas cépticos chegaram a sugerir. Mas também será defensável a ideia de que Jesus tenha mencionado apenas “uma apropriada passagem do livro de Jonas a fim de ilustrar a sua própria experiência de morte e ressurreição”<sup>3</sup>, sem que por isso tenha afirmado ou confirmado necessariamente a existência histórica do profeta.

Quanto a fontes extra-bíblicas, existem textos babilónicos que fazem lembrar o caso de Jonas:

“Alguns estudiosos defendem que Beroso, um sacerdote e historiador caldeu da Babilônia que viveu no século 3 a.C., teria escrito sobre o episódio envolvendo Jonas. Beroso escreveu em grego uma obra sobre a História da Babilônia, onde em um de seus relatos ele se refere a uma criatura que emergiu do mar para conceder sabedoria divina aos homens chamada Oannes. Seria um tipo de homem-peixe.

Os babilónicos cultuavam diversas divindades com perfis curiosos, incluindo um deus das águas (Enki ou Ea). Mas o que chama atenção nessa história é o fato do nome “Oannes” ser muito semelhante ao nome grego Ioannes, que, junto com o também grego Ionas, é utilizado para representar o hebraico Yonah, ou seja, “Jonas”.

Portanto, alguns acreditam que existe a possibilidade da descrição de Beroso ter alguma relação com a história de Jonas, já que a fama de um evento miraculoso como esse facilmente pode ter corrido entre muitos povos, e originado até mesmo algumas lendas. O problema com essa sugestão parece ser cronológico, já que para alguns o mito sobre Oannes remonta o período de 4.000 a.C., e a história do profeta Jonas se passa num período muito mais recente.”<sup>4</sup>

O texto bíblico informa que o profeta Jonas seria filho de Amitai e a sua origem era uma aldeia da tribo de Zebulom, chamada Gate-Hefer, próxima de Nazaré (II Reis 14:25). Terá vivido durante o reinado de Jeroboão II, monarca do reino de Israel, em meados do séc. VIII a.C. e terá profetizado que este rei

---

<sup>3</sup> CHAMPLIN N. R. & BENTES, J. M. (1991). *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, Vol. 3, São Paulo: Candeia, p. 577.

<sup>4</sup> <https://estiloadoracao.com/historia-de-jonas/> (acedido em 14/1/21).

conseguiria a restauração das fronteiras de Israel, o que veio a suceder por volta de 782-753 a.C., conforme o registo histórico do II Livro de Reis:

“No décimo quinto ano de Amazias, filho de Joás, rei de Judá, começou a reinar em Samaria, Jeroboão, filho de Jeoás, rei de Israel, e reinou quarenta e um anos.

E fez o que era mau aos olhos do Senhor; nunca se apartou de nenhum dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com que fez pecar a Israel.

Também este restituiu os termos de Israel, desde a entrada de Hamate, até ao mar da planície; conforme a palavra do Senhor Deus de Israel, a qual falara pelo ministério de seu servo Jonas, filho do profeta Amitai, o qual era de Gate-Hefer” (14:23-25).

Alguns estudiosos do Antigo Testamento acreditam ser provável que Jonas tenha conhecido o profeta Eliseu, falecido cerca do ano 797 a.C., uma vez que terá exercido o seu ministério profético durante o reinado de Jeroboão, em 790 a.C., durante a co-regência deste com seu pai Jeoás, e que terá sido um dos “filhos dos profetas”, uma espécie de escola dirigida por Eliseu (II Reis 6:17).

### **A questão do ressentimento nacionalista**

De acordo com o relato bíblico o profeta teria recebido orientação divina para se dirigir à cidade de Nínive a fim de clamar contra o seu pecado, em nome do Deus de Israel: “Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até à minha presença” (Jonas 1:2). Acontece que Jonas não gostou da ideia e preferiu correr o risco de desobedecer a Iavé, encetando uma longa viagem por mar para Oeste, no sentido oposto ao da terra dos ninivitas. A sua fuga consumou-se assim num navio que se dirigia para Társis, local que se pensa ter situado eventualmente na Córsega ou mesmo na península ibérica.

Ao longo da saga vamos entendendo, pelo seu comportamento, que Jonas foge para o mais longe possível do destino que lhe estava divinamente determinado, essencialmente pelo facto de estar movido por um ressentimento nacionalista. Afinal, Nínive era a capital do império assírio, que não só era a

sede do culto à deusa pagã Ishtar,<sup>5</sup> no tempo de Hamurabi,<sup>6</sup> como ainda tinham sido os assírios a conquistar o reino de Israel e a submeter Samaria a cativo. Segundo TAVARES (1982, p.92), foram razões geopolíticas e estratégicas que ditaram o assédio dos Assírios a Samaria:

“Pode mesmo afirmar-se que, no princípio da segunda metade do séc. VIII, Israel e Judá eram as duas maiores potências no Médio Oriente para aquém do Eufrates. Mas, à prosperidade económica, seguir-se-ia uma repentina crise a diversos níveis, em boa parte por causa das intervenções militares da Assíria, que se mostrou particularmente agressiva depois da subida ao trono de Tiglat-Pileser III, em 745. A Assíria desde há muito cobiçava as terras para cá do Eufrates, por motivos de ordem económica: por causa das madeiras e de pedra para as suas construções, por causa dos recursos minerais e ainda porque eram porta aberta para o Egipto, para o sul da Ásia Menor e para o comércio com as ilhas do Mediterrâneo.”

O reino do Norte (Israel) foi destruído pelos Assírios (722 a.C.) depois de um longo cerco de três anos e o seu povo foi levado ao exílio e ao esquecimento. Porém, a narrativa bíblica curiosamente documenta muito mais o cerco a que o rei Senaqueribe (ou Ben-Hadade II) sujeitou Samaria, sendo rei Jorão, filho de Acabe (852-841 a.C.), o qual durou seis longos meses e que terá levado até a desesperadas cenas de antropofagia:

<sup>5</sup> “Amplamente cultuada na antiguidade, conhecida sob vários nomes e títulos em diferentes países, Ishtar era uma deusa lunar, uma das manifestações de Magna Dea, a Grande Mãe do Oriente e uma versão mais tardia e complexa da deusa suméria Inanna. Foi venerada como Astarte em Canaã, Star na Mesopotâmia, Astar e Star na Arábia, Estar na Abissínia, Stargatis na Síria, Astarte na Grécia. No Egito sua equivalente era Ísis, cujo culto espalhou-se até a Grécia e Roma, florescendo até os primeiros séculos da era cristã. Ishtar personificava a força criadora e destruidora da vida, representada pelas fases da Lua, crescente e a cheia que favorecem o desenvolvimento e a expansão, a minguante e a negra que enfraquecem e finalizam os ciclos anteriores. Como Deusa da fertilidade ela dava o poder de reprodução e crescimento aos campos, aos animais e aos seres humanos. Foi nesta qualidade que se tornou a Deusa do Amor, que teria descido do planeta Vênus, acompanhada de seu séquito de sacerdotisas Ishtaritu que ensinaram aos homens a sublime arte do êxtase: sensorial e espiritual.

Como rainha do céu era a regente das estrelas, pois ela mesma tinha vindo de uma estrela que brilhava no amanhecer e no entardecer e era o ponto central de seu culto. As constelações zodiacais eram conhecidas pelos antigos como o “cinturão de Ishtar” e era ela quem percorria o céu todas as noites em uma carruagem puxada por leões, controlando o movimento dos astros e as mudanças do tempo. Muitos eram os títulos que lhe foram atribuídos – “Mãe dos Deuses, A Brilhante, Criadora da Vida, Condutora da Humanidade, Guardiã das Leis e da Ordem, Luz do Céu, Senhora da Luta e da Vitória, Produtora de Sementes, Senhora das Montanhas, Rainha da Terra”. FAUR, Mirella, Teia de Thea, <http://www.teiadethea.org/?q=node/152> (acedido em 16/1/21).

<sup>6</sup> Foi o VI rei da I dinastia da Babilónia (reinou entre 1792 e 1750 a.C.) e o mais prestigiado soberano da antiga Mesopotâmia, graças à sua imensa obra política e legislativa. Os anos do seu reinado são considerados a época de ouro da civilização babilónica. *Hamurabi* in Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2021. [consult. 2021-01-20 10:44:12]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$hamurabi](https://www.infopedia.pt/$hamurabi)

“E sucedeu, depois disto, que Ben-Hadade, rei da Síria, ajuntou todo o seu exército; e subiu e cercou a Samaria.

E houve grande fome em Samaria, porque eis que a cercaram, até que se vendeu uma cabeça de um jumento por oitenta peças de prata, e a quarta parte de um cabo de esterco de pombas por cinco peças de prata.

E sucedeu que, passando o rei pelo muro, uma mulher lhe bradou, dizendo: Acode-me, ó rei meu senhor.

E ele lhe disse: Se o Senhor te não acode, donde te acudirei eu? Da eira ou do lagar?

Disse-lhe mais o rei: Que tens? E disse ela: Esta mulher me disse: Dá cá o teu filho, para que hoje o comamos, e amanhã comeremos o meu filho.

Cozemos, pois, o meu filho, e o comemos; mas dizendo-lhe eu ao outro dia: Dá cá o teu filho, para que o comamos; escondeu o seu filho.

E sucedeu que, ouvindo o rei as palavras desta mulher, rasgou as suas vestes, e ia passando pelo muro; e o povo viu que o rei trazia cilício por dentro, sobre a sua carne.” (2 Reis 6:24-30).

As fontes escritas<sup>7</sup> sobre a queda da cidade são diversas, incluindo as bíblicas, muito embora, como se sabe, os textos proféticos perseguissem objectivos muito específicos, focados em questões do âmbito religioso e social, constituindo por esse motivo um género literário distinto de quaisquer outras fontes. Segundo TAVARES (1982),

“As fontes bíblicas são de índole diferente. Os livros dos Reis e os das Crónicas são de género literário designado por histórico. Trata-se entretanto de uma história onde os critérios de valor são fundamentalmente religiosos, o que, para alguns, poderá significar história finalística e apologética. Não se pense por isso que os seus autores são menos fidedignos por não documentaram as suas afirmações. Muito longe disso, eles revelam preocupação em citar as fontes em que se apoiam.” (p. 89)

Porém, são os próprios anais de Sargão II, em 722, que afirmam:

“No princípio do meu reinado, conquistei a cidade dos samaritanos, o que me permitiu coroar o meu triunfo. Trouxe de lá como prisioneiros 27 290 habitantes e equipei dentre eles soldados para ocuparem 50 carros do meu exército real.

---

<sup>7</sup> “São de três géneros as fontes escritas que possuímos: textos assírios, principalmente inscrições e anais de Tiglat-Pileser III e Sargão II; ostracas da Samaria e de Láquish; vários livros bíblicos, designadamente I e II dos Reis, I e II das Crónicas, Amós, Oséias e Isaías e testemunhos arqueológicos.” TAVARES, A. Augusto (1982). Os hebreus perante a ofensiva assíria desde 746 a 722 a. C. (Queda da Samaria). *Didaskalia XII*, p. 86.

Reconstruí a cidade melhor do que fora antes e estabeleci nela gentes que eu próprio tinha conquistado. Pus lá um meu funcionário como governador e impus-lhes tributo, como costuma ser para os cidadãos assírios”<sup>8</sup>.

Face ao inimigo assírio, o profeta configura assim a postura do indivíduo religioso que se apresenta cheio de orgulho da religião que professa, da sua capacidade de obediência a Deus e de fidelidade aos preceitos religiosos, e que considera os estrangeiros como não merecendo o favor divino até pelo facto de não pertencerem ao “povo da aliança”.

Iavé estava a conceder uma oportunidade de arrependimento aos ninivitas, coisa incompreensível para Jonas, que preferia muito mais anunciar a destruição da cidade, à semelhança dos pregadores do juízo divino que pululam hoje no campo religioso, e que não entendem a manifestação da graça de Deus, comportando-se como predadores aparentemente sacros. Na sua cabeça estaria a mentalidade farisaica de todos os tempos: como é que Iavé admitia perdoar um povo estrangeiro e impiedoso, caso se arrependesse, tendo provocado tanta dor e sofrimento a Israel? Para que adiantava então viver em obediência a Deus?

Note-se que a violência dos exércitos assírios quando avançavam sobre os inimigos era comparada nos seus próprios anais e registos a uma tempestade de neve que assolava as regiões por onde passavam (TAVARES, p.95). De tal forma que um pouco mais tarde, no séc. VII, os assírios chegariam mesmo até à cidade de Tebas. Portanto, os israelitas nem sequer poderiam pedir apoio ao Egipto para os travar, até porque na altura “O Egipto era um conjunto de pequenos estados rivais entre si. O próprio Isaías faz uma curiosa alusão a esse estado de coisas em 19:23, ao dizer que se levantam egípcios contra egípcios, irmãos contra irmãos, cidades contra cidades” (TAVARES, p.95).

Além de tudo o mais os assírios implementam uma política de miscigenação étnico-social de que resulta a descaracterização dos samaritanos enquanto povo peculiar:

---

<sup>8</sup> Idem, p. 101, apud ANET, 284.

“Assim, no caso da Samaria, somos informados de que foram transferidos para o norte da Mesopotâmia e da Média onde se vão disseminando e desaparecendo, dando origem à lenda das dez tribos perdidas de Israel. Para os substituir, vieram colonos de Babilônia, de Kutha, Avah, Hamat e Sefarvaim (2 Reis 17:24). Desta forma, a Samaria aparece com um novo fâcies étnico-social: os habitantes são em grande parte estrangeiros a viverem ao lado dos autóctones, todos sujeitos ao mesmo estatuto social de classe, subjugada a chefes políticos para ali destacados pelo poder central.” (TAVARES, p. 105).

Como compreender então esta espécie de benevolência divina para com os assírios se desde o tempo da instalação em Canaã, sob a liderança de Josué, o povo de Israel tinha assumido um compromisso de obediência a Iavé? Como poderia Jonas aceitar essa espécie de subversão das regras?:

“Então Josué disse ao povo: Não podereis servir ao Senhor, porquanto é Deus santo, é Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão nem os vossos pecados.

Se deixardes ao Senhor, e servirdes a deuses estranhos, então ele se tornará, e vos fará mal, e vos consumirá, depois de vos ter feito o bem.

Então disse o povo a Josué: Não, antes ao Senhor serviremos.

E Josué disse ao povo: Sois testemunhas contra vós mesmos de que escolhestes ao Senhor, para o servir. E disseram: Somos testemunhas.

Deitai, pois, agora, fora aos deuses estranhos que há no meio de vós, e inclinai o vosso coração ao Senhor Deus de Israel.

E disse o povo a Josué: Serviremos ao Senhor nosso Deus, e obedeceremos à sua voz.

Assim, naquele dia fez Josué aliança com o povo e lhe pôs por estatuto e direito em Siquém.” (Josué 24:19-25)

O ressentimento pode definir-se como uma “lembança dolorosa de uma ofensa recebida; melindre; rancor”.<sup>9</sup> O conceito terá sido inicialmente definido por Nietzsche como um sentimento de “vingança adiada”.<sup>10</sup> O relato bíblico sugere que o profeta terá tido dificuldade em lidar com todo o mal que os assírios haviam provocado ao seu povo, tanto por altura do cerco de Senaqueribe a Samaria como no episódio da queda da cidade de que resultou o

<sup>9</sup> Infopédia. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ressentimento> (acedido em 18/1/21).

<sup>10</sup> MAAKAROUN, Bertha (2020). Estado de Minas. [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/08/14/interna\\_pensar,1175925/o-ressentimento-esta-enraizado-na-sociedade.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/08/14/interna_pensar,1175925/o-ressentimento-esta-enraizado-na-sociedade.shtml) (acedido em 18/1/21).



exílio forjado das suas gentes. Estamos, portanto, em presença de um ressentimento nacionalista. Segundo SILVA (2010, p. 37): “O ressentimento é responsável por caracterizar alguns tipos de nacionalismos”, mas “o nacionalismo não pode ser considerado um mero produto da dimensão psicológica (fator psicológico)”, já que “(...) o que permite entender a relação entre o nacionalismo e o ressentimento é a consideração do processo social, constituído por estruturas e formações culturais que determinam a transformação social (...)” A passagem do reino de Israel duma posição de soberania a província de um império estrangeiro e o choque social do exílio forçado e da escravatura dos samaritanos permitem compreender tal ressentimento.

Embora historicamente a ideia nacionalista venha a ser consolidada muito mais tarde, os israelitas eram descendentes dos hebreus com quem Iavé tinha estabelecido uma aliança e consideravam-se distintos de todo os outros povos a quem consideravam inferiores, mantendo um conceito muito específico de nação: “Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo ao qual escolheu para sua herança” (Salmos 33:12), o qual é reproduzido e adaptado posteriormente por Pedro, desta vez referindo-se à Igreja: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9).

O destino do povo do Antigo Israel seria amplificado de acordo com a ideia de que se tratava de uma nação de Deus destinada a abençoar as demais nações dos gentios, segundo a aliança abraâmica: “E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai de muitas nações te tenho posto” (Génesis 17:5).

O ressentimento nacionalista de Jonas está presente ao longo de todo o relato bíblico, como uma espécie de vingança que tinha sido adiada, segundo Nietzsche, mas que Iavé não estava disposto a caucionar.

### **Um exemplo histórico**

Um dos exemplos históricos mais eloquentes do ressentimento nacionalista data de 1923, quando Hitler tentou tomar o poder em Munique, Baviera, tendo sido preso. Durante o julgamento que o condenou a uma pena de prisão as suas declarações exprimiam um forte sentimento de ódio às sanções derivadas do Tratado de Versalhes, quando a Alemanha assumiu a derrota na I Guerra Mundial (1914-1918). É aí que se torna visível o ressentimento nacionalista e o racismo que viriam a definir os contornos da famigerada ideologia nazi.

Ao contrário de Adolfo Hitler, que veio a ascender ao poder germânico, Jonas era um simples profeta, destituído de poder político ou militar, pelo que o seu ressentimento nacionalista se consubstancia então em duas vertentes. A primeira seria a sua grande dificuldade em admitir a possibilidade de salvação dos ninivitas, em resposta à mensagem do arrependimento que Iavé o encarregara de entregar na capital do império assírio. A segunda grande dificuldade seria a de não conseguir entender outra coisa que não fosse a aplicação da justiça retributiva por parte do Deus do seu povo aos ímpios ninivitas, pois havia que os castigar duramente pelo mal que em tempos haviam praticado contra o povo da aliança.

### **A questão da justiça retributiva**

Este é, de resto, um dilema quase sempre presente na salmodia hebraica e na literatura sapiencial, isto é, a dificuldade em compreender por que razão os ímpios prosperam e os justos sofrem, sobretudo porque o conceito veterotestamentário de *justiça retributiva*<sup>11</sup> está muito arreigado na mentalidade do povo da aliança.

---

<sup>11</sup> Caracteriza-se por pagar o bem com o bem e o mal com o mal.

“Até quando os ímpios, Senhor, até quando os ímpios saltarão de prazer?” (Salmos 94:3)

“Até quando julgareis injustamente, e aceitareis as pessoas dos ímpios?” (Salmos 82:2)

“Por que razão vivem os ímpios, envelhecem, e ainda se robustecem em poder?” (Jó 21:7)

“Pois eu tinha inveja dos néscios, quando via a prosperidade dos ímpios” (Salmos 73:3)

“Eis que estes são ímpios, e prosperam no mundo; aumentam em riquezas” (Salmos 73:12)

“Vi o ímpio com grande poder espalhar-se como a árvore verde na terra natal” (Salmos 37:35)

Depois de muitas destas queixas surge com frequência a conclusão: “Então dirá o homem: Deveras há uma recompensa para o justo; deveras há um Deus que julga na terra” (Salmos 58:11). Em síntese, a justiça retributiva premiava os justos quando praticam boas acções e punia os ímpios sempre que faziam o mal. Por isso os salmistas ficavam perplexos quando a retribuição falhava: “por que prosperam os ímpios?” Assim como se lamentavam por terem recebido o mal em troca das boas acções que haviam feito a alguém: “Tornaram-me o mal pelo bem, roubando a minha alma” (Salmos 35:12). Porém, o conceito não se confina à cultura hebraica, estando presente igualmente no pensamento grego.<sup>12</sup>

Segundo NASCIMENTO (2014):

“O intrínseco nexos existente entre a justiça e a retribuição deita (pro)fundas raízes na cultura do ocidente (FERRAZ JR., 1998, p. 369). Essa nítida conexão permite que se discuta a ideia de justiça a partir do estudo dos modelos de justiça retributiva encontrados em diversas culturas e épocas distintas.”

Por outro lado VAZ (2012) considera que a Tanakh era bastante centrada no conceito de justiça divina:

“Toda a experiência de fé do Israel bíblico fazia finca-pé na profundíssima captação da identidade entre Deus e a justiça. Há em toda a Bíblia hebraica poucos conceitos tão vinculados a Deus como o de justiça. Para o israelita crente, Deus não existe sem a justiça. Precisamente por isso, a pessoa que ama Deus não pode ser tocada pela injustiça (Sab 2). A tal ponto se dá essa identidade entre Deus

---

<sup>12</sup> FERREIRA, Roberto Kalil. A justiça retributiva. *Revista do CAAP*, n.º. 2, 1997, pp 331-353.

e justiça que a palavra “justo” desloca a sua significação da pessoa que pratica a justiça nas relações humanas para a pessoa que está em paz com Deus e que, por isso, não pode ser atingida pelo fracasso ou pelas injustiças humanas.”

O cuidado do Deus dos hebreus com o sentido de justiça ia ao ponto de ter salvaguardado os responsáveis por homicídio accidental, ou não premeditado e sem dolo, do princípio da justiça retributiva. No enquadramento jurídico-penal do Antigo Israel o conceito de acção dolosa é definido e separado do da acção não dolosa, tendo sido criado um mecanismo de salvaguarda, as cidades de refúgio:

“As cidades de refúgio serviam assim como unidades territoriais de asilo, mas só funcionavam como recurso para quem tirasse a vida de alguém sem intenção (Números 35:15). Em caso de crime doloso o assassino não tinha qualquer direito de asilo e poderia ser morto pelo “vingador de sangue” (BRISSOS-LINO, p.88).

No mundo antigo a chamada lei de Talião surgiu como inovadora à época e mais justa do que a pura vingança sem limites, quando não havia qualquer sentido retributivo. O conceito jurídico de *talionis ius* (gr. *ius*, “direito” e *talionis*, do grego *talis*, que quer dizer “aparelho que reflecte tudo”), significa um princípio do direito de justiça retributiva através do qual o Estado impõe ao agressor uma pena proporcional à gravidade do crime cometido, ou seja, aos danos causados à vítima, numa base de equilíbrio, de modo a que a sanção seja equivalente e a pena idêntica. A expressão bíblica “olho por olho, dente por dente” que surge no livro do Êxodo<sup>13</sup> pretendia assim estabelecer um limite à vingança. Este princípio veio a inspirar diversos sistemas jurídicos até à Idade Média.

CORRÊA (2011) afirma:

“No famoso Código de Hamurabi (1792 aC), o princípio da reciprocidade exata é usada com grande clareza. Por exemplo: a Lei 229 aduzia que se um arquiteto constrói uma casa e, se essa casa vir a ruir e o proprietário morrer, o arquiteto deveria ser morto; caso o

---

<sup>13</sup> “Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe” (Êxodo 21:24,25).

filho do dono da casa morresse, seria o filho do arquiteto que deveria ser morto.

O próximo nível de punição era a mutilação de uma parte do corpo na proporção do dano causado. Por exemplo, a Lei 197 aduzia que se você quebrasse um osso de um homem, seu osso seria quebrado.”<sup>14</sup>

Nos livros da Torah, a lei de Moisés transpõe o princípio da lei de Talião em Êxodo 21:23-25, em Levítico 24:18-20 e Deuteronómio 19:21.

Mas o princípio da justiça retributiva integra o contrato de Iavé com o povo hebreu desde sempre, como se pode verificar no texto de Deuteronómio, capítulo 28. Se o povo obedecesse ao seu Deus receberia toda a sorte de bênçãos, mas se optasse pelo caminho da desobediência viria a colher um conjunto de maldições.

De resto, Jesus Cristo veio substituir igualmente o princípio da justiça retributiva no seu discurso, logo desde o Sermão do Monte, apelando ao perdão incondicional e estabelecendo a capacidade de perdoar o semelhante como condição prévia para obter o perdão divino: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6:14,15). Aliás, esta condição foi exemplarmente simbolizada na parábola do credor incompassivo.<sup>15</sup> O famoso sermão vai ainda mais longe quando apela à mansidão (5:5), à misericórdia (5:7), à pacificação (5:9), e à bem-aventurança perante a perseguição injusta:

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (5:10-12).

No fundo Jonas parece ter feito jus ao sentido etimológico do seu nome (“pomba”) sentindo-se como uma pomba enviada a um ninho de falcões, os

---

<sup>14</sup> <https://www.bonde.com.br/blogs/curiosidade-quem-foi-taliao--186556.html> (consultado em 19/1/21).

<sup>15</sup> Mateus 18:23-35.

ninivitas (assírios), que tanto mal tinham feito ao povo israelita no passado. No seu entender, se o Deus da aliança com o povo de Israel não tolerava adultério espiritual com outros deuses,<sup>16</sup> como é que admitia sequer a hipótese de perdoar os assírios que tanto mal haviam infligido ao seu povo e que eram adoradores de deuses estranhos?

Porém, o mais antigo livro do cânone bíblico relata já um esboço de teologia da aliança, muito antes do pacto estabelecido entre Iavé e Abraão, e que vai muito além do sistema de acção-reacção ou culpa-castigo, típico do conceito de justiça retributiva. De acordo com ROSSI & HAMMES (2012),

“Na narrativa sapiencial de Jó encontramos duas teologias que estão num embate: de um lado, a antiteologia, defendida pelos “amigos” de Jó, que buscam justificar o sofrimento humano a partir da culpabilidade do homem e da mulher diante de Deus. Do outro lado, a partir do inconformismo e da persistência de Jó, bem como do discurso de Deus, tem-se outra posição teológica: a aliança, na qual Deus continua fiel e encarnado na história de seu povo. Não é um Deus aliado com o poder político-econômico e religioso instituído, mas um Deus libertador, que tem uma posição: está junto com o sofredor, não sendo, portanto, o responsável pela pobreza, miséria e doenças que recaem sobre o ser humano.” (p.193,194)

Trata-se de um Deus que acompanha o homem na sua jornada existencial e que permanece do seu lado, em aliança com ele, em vez de um Deus distante que se limita a acionar prémios ou castigos em função das atitudes humanas que vão sendo desencadeadas.

Apesar de a religião judaica se caracterizar essencialmente pelo *fazer* (acções), ou talvez mesmo por isso, Jesus de Nazaré vem tirar a responsabilidade exclusivamente das acções do ser humano, estendendo-as aos domínios do pensamento e das intenções, apontando deste modo mais para o *ser*. De acordo com o Novo Testamento, o conceito de pecado estende-se também às omissões<sup>17</sup> e às intenções do coração: “Ouvistes que foi dito aos

---

<sup>16</sup> “Não terás outros deuses diante de mim.” (Êxodo 20:3); “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.” (Deuterónimo 6:4); “Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimidade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus.” (Tiago 4:4).

<sup>17</sup> Pecado por omissão: “Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado” (Tiago 4:17).

antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela” (Mateus 5:27,28).

### **A influência literária**

A odisséia marítima de Jonas inclui uma terrível tempestade no Mar Mediterrâneo que perturbou seriamente a navegação. O texto bíblico afirma que terá sido Iavé o seu causador, a fim de castigar a embarcação em que Jonas viajava rumo ao Ocidente: “Mas o Senhor mandou ao mar um grande vento, e fez-se no mar uma forte tempestade, e o navio estava a ponto de quebrar-se.”<sup>18</sup> Tal circunstância levou a que os marinheiros clamassem desesperadamente aos seus deuses enquanto realizavam procedimentos navais destinados a tentar salvar a embarcação, até que o comandante encontrou Jonas completamente alheado às circunstâncias, a dormir no porão:

“Então temeram os marinheiros, e clamavam cada um ao seu deus, e lançaram ao mar as cargas, que estavam no navio, para o aliviarem do seu peso; Jonas, porém, desceu ao porão do navio, e, tendo-se deitado, dormia um profundo sono.

E o mestre do navio chegou- se a ele, e disse-lhe: Que tens, dorminhoco? Levanta-te, clama ao teu Deus; talvez assim ele se lembre de nós para que não pereçamos.”<sup>19</sup>

Surpreendido pela aparente indiferença do profeta, o comandante acordou-o e ordenou-lhe então que invocasse o seu Deus a fim de alcançar socorro. Todos os deuses seriam necessários e úteis numa hora de aperto como aquela.

É curiosa a similitude circunstancial – mas também o contraste entre ambas as atitudes – quando confrontamos esta cena com a que séculos mais tarde os evangelistas Marcos e Lucas<sup>20</sup> relatam ter ocorrido com o próprio Jesus

---

<sup>18</sup> Jonas 1:4.

<sup>19</sup> 1:5,6.

<sup>20</sup> Lucas 8:22-25.

de Nazaré, quando os discípulos enfrentaram uma tempestade súbita no Mar da Galileia:

“E, naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes: Passemos para o outro lado.

E eles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco; e havia também com ele outros barquinhos.

E levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia.

E ele estava na popa, dormindo sobre uma almofada, e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos?

E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança.

E disse-lhes: Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?

E sentiram um grande temor, e diziam uns aos outros: Mas quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?” (Marcos 4:35-41)

A semelhança das situações está no facto de ambos dormirem em plena tempestade, alheios ao desespero que se passava à sua volta. A diferença está nas atitudes pois, enquanto Jesus de Nazaré confronta os seus discípulos com a sua incredulidade: “Onde está a vossa fé?” (Lucas 8:25) e de seguida transforma a tempestade em bonança, Jonas é achado culpado pela situação, resiste a invocar o seu Deus e prefere morrer.

Fica sem se saber exactamente se Jonas orou ou não a Iavé mas parece que não. Pelo menos o texto é omissivo a esse respeito e não será difícil crer que se terá sentido constrangido em invocar o Deus de Israel quando se encontrava em situação de desobediência e rebelião.

A verdade é que a situação não melhorou e os tripulantes do navio decidiram lançar sortes para tentar descobrir quem seria o culpado de tal zanga dos deuses. Da mesma forma como Poseidon se enfurecera com Ulisses,<sup>21</sup> estaria agora zangado com Jonas por alguma razão, uma vez que a sorte caiu sobre o profeta Jonas, que foi declarado culpado. Ainda assim os marinheiros interrogaram-no de modo a tentar entender o que se passava.

---

<sup>21</sup> *Odisseia*.



“E diziam cada um ao seu companheiro: Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por que causa nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas.

Então lhe disseram: Declara-nos tu agora, por causa de quem nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? Donde vens? Qual é a tua terra? E de que povo és tu?

E ele lhes disse: Eu sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca.

Então estes homens se encheram de grande temor, e disseram-lhe: Por que fizeste tu isto? Pois sabiam os homens que fugia da presença do Senhor, porque ele lho tinha declarado.

E disseram-lhe: Que te faremos nós, para que o mar se nos acalme? Porque o mar ia se tornando cada vez mais tempestuoso.

E ele lhes disse: Levantai-me, e lançai-me ao mar, e o mar se vos aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade.

Entretanto, os homens remavam, para fazer voltar o navio à terra, mas não podiam, porquanto o mar se ia embravecendo cada vez mais contra eles.

Então clamaram ao Senhor, e disseram: Ah, Senhor! Nós te rogamos, que não pereçamos por causa da alma deste homem, e que não ponhas sobre nós o sangue inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve.

E levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar, e cessou o mar da sua fúria.

Temeram, pois, estes homens ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifício ao Senhor, e fizeram votos.”<sup>22</sup>

Nesta altura Jonas já entendera a gravidade da sua situação e estava mesmo disposto a morrer. Pediu que o atirassem borda fora. Animado pelo ressentimento nacionalista preferia morrer do que ir anunciar a misericórdia divina aos ninivitas em caso de arrependimento, e vê-los serem perdoados pelo seu Deus. Embora os tripulantes não o quisessem fazer de imediato acabaram por ceder a lançá-lo ao mar em face da tempestade continuamente assanhada e só então a fúria das ondas acalmou.

Note-se que mais tarde, já em Nínive, Jonas pede declaradamente a Iavé que o mate.<sup>23</sup> O quadro depressivo e a intenção de desistir da vida não é exclusivo de Jonas na galeria dos profetas hebreus. Já Elias passara pelo mesmo ao enfrentar a fúria vingativa da rainha Jezabel depois da clamorosa derrota dos quatrocentos profetas do seu deus Baal, no Monte Carmelo, cujo culto trouxera

---

<sup>22</sup> 1:7-16.

<sup>23</sup> Jonas 4:3.

da sua terra aquando do casamento com o rei Acabe em Samaria: “pediu para si a morte” (1 Reis 19:4).<sup>24</sup>

### **O grande peixe<sup>25</sup> enquanto metáfora da morte**

O grande peixe providenciado por Iavé e que o texto bíblico relata que terá engolido Jonas depois de ter sido lançado ao mar pelos marinheiros da embarcação em que viajava, terá conservado o profeta no seu interior durante três dias e três noites: “Preparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe” (Jn 1:17). Apesar da intenção inicial de se entregar à morte, perante a desgraça que tinha consciência de estar a desencadear no navio, sobre a vida de todos aqueles tripulantes e passageiros, Jonas clamou ao seu Deus quando se viu no ventre do animal marinho.

“E orou Jonas ao SENHOR, seu Deus, das entranhas do peixe.  
E disse: Na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me respondeu;  
do ventre do inferno gritei, e tu ouviste a minha voz.  
Porque tu me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a  
corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas  
têm passado por cima de mim.  
E eu disse: Lançado estou de diante dos teus olhos; todavia tornarei  
a ver o teu santo templo.  
As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou, e as algas se  
enrolaram na minha cabeça.  
Eu desci até aos fundamentos dos montes; a terra me encerrou para  
sempre com os seus ferrolhos; mas tu fizeste subir a minha vida da  
perdição, ó Senhor meu Deus.  
Quando desfalecia em mim a minha alma, lembrei-me do Senhor; e  
entrou a ti a minha oração, no teu santo templo.  
Os que observam as falsas vaidades deixam a sua misericórdia.  
Mas eu te oferecerei sacrifício com a voz do agradecimento; o que  
votei pagarei. Do Senhor vem a salvação.” (Jonas 2:1-9)

Iavé terá então ordenado ao animal que o vomitasse em terra firme, numa praia ainda distante de Nínive, provavelmente na costa síria, antes de voltar a

---

<sup>24</sup> I Reis 19:1-4.

<sup>25</sup> O termo hebraico significa apenas “grande peixe” e a palavra usada no grego (Septuaginta) é genérica para “monstro do mar”, “criatura marítima” ou “peixes de grande tamanho”. O episódio refere um acontecimento sobrenatural que ocorreu para que o propósito de Deus fosse cumprido.

insistir com Jonas para que cumprisse a sua missão. O facto de um homem poder permanecer no ventre dum animal marinho durante três dias e três noites pode parecer inverosímil, mas há casos comprovados de indivíduos que passaram por experiências semelhantes.<sup>26</sup>

Contudo esse não é o ponto essencial da narrativa bíblica que apresenta uma significação teológica centrada na desobediência/obediência do profeta e sobretudo na misericórdia de Iavé face ao arrependimento de um povo adorador de deuses estranhos.

Jesus alude a esta experiência falando explicitamente dos três dias que haveria de passar no túmulo, antes de ressuscitar, estabelecendo uma analogia entre o ventre do grande peixe e o ventre da terra:

“Então alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal. Mas ele lhes respondeu, e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o sinal do profeta Jonas; Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.” (Mateus 12:38-40)

No fundo é como se Jonas tivesse morrido e ressuscitado para uma nova vida, já não enquanto um nacionalista ressentido contra Nírive, mas um profeta de Iavé que admitia que o seu Deus ainda poupasse aquele povo à destruição em caso de um improvável arrependimento. Porém, o desenrolar dos acontecimentos mostra que Jonas acabou por se submeter à vontade divina, mas contrariado, tornando-se um pregador sem misericórdia que não conseguia entender a misericórdia de Deus, que em seu entender seria inteiramente imerecida pelos ninivitas.

Se o facto de ser engolido pelo animal marinho poderá simbolizar a morte, a circunstância de Jonas ter sido vomitado representará uma espécie de

---

<sup>26</sup> <https://br.blastingnews.com/curiosidades/2017/06/o-homem-que-foi-engolido-por-uma-baleia-e-sobreviveu-001758637.html> (acedido em 20/1/21).  
<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2019/03/11/mergulhador-sobrevive-apos-ser-engolido-por-baleia-na-africa-do-sul.html> (acedido em 20/1/21).

ressurreição ou segundo nascimento. Já o ter sido lançado perto de Nínive parece sugerir que Iavé terá resolvido dar uma segunda oportunidade ao profeta de cumprir a missão que lhe havia confiado.

### **Em Nínive**

Logo que foi vomitado Jonas entendeu obedecer à missão que havia recebido e dirigiu-se à capital assíria. Pregou de facto a mensagem de arrependimento que lhe tinha sido confiada e, para sua surpresa (mas também em linha com os seus maiores receios), a cidade em peso respondeu positivamente ao repto divino, pelo que Deus decidiu poupá-la da destruição, para profunda irritação do profeta:

“E levantou-se Jonas, e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor. Ora, Nínive era uma cidade muito grande, de três dias de caminho. E começou Jonas a entrar pela cidade caminho de um dia, e pregava, dizendo: Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida. E os homens de Nínive creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco, desde o maior até ao menor. Esta palavra chegou também ao rei de Nínive; e ele levantou-se do seu trono, e tirou de si as suas vestes, e cobriu-se de saco, e sentou-se sobre a cinza. E fez uma proclamação que se divulgou em Nínive, pelo decreto do rei e dos seus grandes, dizendo: Nem homens, nem animais, nem bois, nem ovelhas provem coisa alguma, nem se lhes dê alimentos, nem bebam água; Mas os homens e os animais sejam cobertos de sacos, e clamem fortemente a Deus, e convertam-se, cada um do seu mau caminho, e da violência que há nas suas mãos. Quem sabe se se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos? E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha anunciado lhes faria, e não o fez. Mas isso desagradou extremamente a Jonas, e ele ficou irado.”  
(Jonas 3:3-10; 4:1)

A ira do profeta parece justificar-se pelo ressentimento nacionalista que o animava contra os assírios, um povo pagão inimigo de Israel, mas também pela perplexidade do acto de misericórdia de Iavé para com tais ímpios, em vez da sua destruição, à luz do princípio da justiça retributiva. E mais uma vez o

profeta pediu a Deus para morrer: “Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver” (Jonas 4:3).

Havia que ensinar ainda uma lição ao renitente Jonas. Cresceu uma aboboreira em questão de horas que veio a dar sombra ao profeta, o que o deixou muito animado. Mas no dia seguinte uma lagarta atacou a planta, ela secou e a sombra desapareceu. Jonas irritou-se e pediu a Deus para morrer. Foi então que Iavé o confrontou com a incoerência, já que Jonas exprimira tanta pena pela facto de a planta ter secado mas não tinha piedade de todo o povo de Nínive cuja destruição desejava claramente:

“E fez o Senhor Deus nascer uma aboboreira, e ela subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar do seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa da aboboreira.

Mas Deus enviou um verme, no dia seguinte ao subir da alva, o qual feriu a aboboreira, e esta se secou.

E aconteceu que, aparecendo o sol, Deus mandou um vento calmoso oriental, e o sol feriu a cabeça de Jonas; e ele desmaiou, e desejou com toda a sua alma morrer, dizendo: Melhor me é morrer do que viver.

Então disse Deus a Jonas: Fazes bem que assim te ires por causa da aboboreira? E ele disse: Faço bem que me revolte até à morte.

E disse o Senhor: Tiveste tu compaixão da aboboreira, na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer, que numa noite nasceu, e numa noite pereceu;

E não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que estão mais de cento e vinte mil homens que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?” (Jonas 4:6-11)

A saga termina aqui e o profeta Jonas – figura histórica ou não – não volta a ser referida nos textos veterotestamentários, permanecendo assim uma aura de mistério sobre a sua vida. Ficamos sem saber se o ministério profético de Jonas foi prejudicado, condicionado ou suspenso depois destes acontecimentos. Ficamos também sem saber se o arrependimento dos ninivitas terá sido revertido no futuro próximo ou não, tendo em conta que é surpreendente que um povo inteiro tenha dedicado tal atenção à mensagem da divindade de um povo estrangeiro a quem eles tinham dominado no passado.

## Concluindo

Além do recorte dramático de toda a saga, a influência da literatura clássica ou mesmo da literatura de viagens parece também estar presente na estória de Jonas, em razão da tempestade mediterrânica e do quase-naufrágio mas também do “grande peixe” com o qual o profeta teve de lidar. Vamos encontrar esse mesmo tipo literário nos textos neotestamentários, muito mais tarde, nos escritos lucanos de Actos dos Apóstolos, onde se descrevem as viagens marítimas do apóstolo Paulo, em particular a descrição pormenorizada que lemos no capítulo vinte e sete, que conta o tormentoso naufrágio da embarcação onde viajava e em resultado do qual os viajantes foram dar à costa da ilha de Malta.

Ao contrário da generalidade da literatura profética da Tanakh, o livro de Jonas não é centrado sobre a mensagem que Iavé lhe entregara para Nínive. Relata sobretudo a relação do profeta com o seu Deus, a sua rebeldia e desobediência inicial, a sua obediência subsequente à experiência marítima mas a contragosto e a revolta posterior pela ausência de punição sobre os assírios. Jonas parece um homem sempre às avessas com a vida a ponto de pedir três vezes a Deus para morrer. Primeiro quando é atingido pela tempestade e perante a iminência da morte de tantos inocentes que seguiam no navio: “E ele lhes disse: Levantai-me, e lançai-me ao mar, e o mar se vos aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade” (1:12).

Mais tarde quando se apercebe que os ninivitas receberam a mensagem prontamente e se arrependeram, não tendo sido portanto objecto da justiça divina: “Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver” (4:3), e depois por ter perdido subitamente o pequeno conforto da sombra da aboboreira que secara: “E aconteceu que, aparecendo o sol, Deus mandou um vento calmoso oriental, e o sol feriu a cabeça de Jonas; e ele desmaiou, e desejou com toda a sua alma morrer, dizendo: Melhor me é morrer do que viver” (4:8).

A temática da justiça retributiva surge com toda a evidência ao longo do relato na forma de um sentimento de estupefação ou mesmo de escândalo revelado por Jonas devido à atitude benevolente de Iavé, o Deus do seu povo, para com os inimigos assírios, contra os quais o profeta revela um evidente ressentimento nacionalista que é sempre mau conselheiro, como a História reiteradamente nos comprova.

**Bibliografia consultada:**

ALMEIDA, Vítor Luiz Silva (2019). *A Samaria Histórica e as relações judaico-samaritanas no período Antigo (III aEC - II EC)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em História Comparada.

Bíblia Sagrada, Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original, Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

BRISSOS-LINO, José (2019). Um olhar ético-religioso sobre a pena de morte. *Pena de morte e morte sem pena* (org. Brissos-Lino, J. & Pinto, P. M.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, pp 85-98.

BUCKLAND, A. R. & WILLIAMS, L. (org) (1981). Dicionário Bíblico Universal. Miami: ed. Vida, p.241.

CHAMPLIN N. R. & BENTES, J. M. (1991). *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, Vol. 3*, São Paulo: Candeia, p. 577.

CONEGERO, Daniel (2016) “A História de Jonas: Quem Foi o Profeta Jonas?” <https://estiladoracao.com/historia-de-jonas/> (acedido em 3/11/2020).

FERRAZ JR., Tercio Sampaio. Justiça como retribuição da razão e da emoção na construção do conceito de justiça. In: *Revista Brasileira de Filosofia, São Paulo, v. 44, n. 192*, pp. 369-389, out.-dez., 1998.

FERREIRA, Roberto Kalil. A justiça retributiva. *Revista do CAAP, nº. 2, 1997*, pp 331-353.

GELLNER, Ernest. (1992). *Nations and nationalism*. New York: Cornell University Press.

HOMERO (2008). *Odisseia*. Lisboa: Cotovia.

KELLER, Werner (1966). *História do povo judeu*. Alfragide: Acrópole.

NASCIMENTO, José Joércio do (2014). <http://www.conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/38050/a-nocao-de-retribuicao-como-modelo-de-realizacao-da-justica-com-base-no-pensamento-de-ferraz-jr> (consultado em 19/1/21).

PFEIFFER, Charles F. (1975). *Old Testament History*. Grand Rapids: Baker Book House.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano & HAMMES, Mari Luzia. (2012). Sofrimento e liberdade: aproximações a partir da teologia da aliança. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42, 192-208, jan./jun. 2012.

SCHWIENHORST-SCHÖENBERGER, L. (2003). *O livro de Jó*. In: VV.AA. Introdução ao AT. São Paulo: Loyola.

SILVA; Henrique Alves Fernandes. (2010). *Nacionalismo e ressentimento: Oliveira Vianna e o projeto de nação do Brasil*. Dissertação. Instituto de Ciência Política. Universidade de Brasília.

TAVARES, A. Augusto (1982). Os hebreus perante a ofensiva assíria desde 746 a 722 a. C. (Queda da Samaria). *Didaskalia XII*, pp 85-108.

VAZ, Armindo dos Santos, «O específico da justiça na Bíblia hebraica», *Cultura* [Online], Vol. 30 | 2012, posto online no dia 17 junho 2014, consultado a 19 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1563>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.1563>